

Biografias: Grandes Nomes da História Soviética

*Bruna Hayashi Dalcin
Douglas de Quadros Rocha
Eduardo Tomankievicz Secchi
Gabriela Ruchel de Lima¹*

Alexander Kerenski (1881-1970)

Alexander Fyodorovich Kerensky foi um dos líderes nacionais mais importantes da Rússia no período entre a queda de Nicolau II, em março de 1917, e a ascensão de Vladimir Lênin, em outubro do mesmo ano. Kerensky nasceu na cidade russa de Simbirsk, em uma família de classe média, no dia 04 de maio de 1881, e formou-se em Direito, em 1904, pela Universidade de São Petersburgo.

Após graduar-se, juntou-se ao Partido Socialista Revolucionário, em 1905, passando a ser o responsável pela edição do jornal *Burevestnik*, além de um militante ativo a favor do fim do regime czarista de Nicolau II. Posteriormente, em 1912, foi eleito deputado para a quarta Duma, representando o grupo de *Toil*, um partido moderado, e atuando no grupo moderado dos *Trudoviques*. Agiu denunciando os abusos de poder do czar e fazendo propaganda dos ideais da revolução. Como revolucionário russo, desempenhou um papel primordial na queda do regime czarista, sendo um dos líderes da Revolução de Fevereiro, além de

¹ Graduandos do curso de Relações Internacionais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pesquisadores do Núcleo Brasileiro de Estratégia e Relações Internacionais.

nomeado Ministro da Justiça, introduzindo uma série de reformas, que incluíam a abolição da pena capital, além de anunciar as liberdades civis básicas, tais como a liberdade de imprensa, a abolição da discriminação étnica e religiosa e planos para a introdução do sufrágio universal (RT, 2018a).

Kerensky foi também Ministro da Guerra e Primeiro-Ministro, entre julho e novembro de 1917, dando continuidade à guerra contra a Alemanha. Contudo, na chamada Segunda Revolução Russa de Outubro de 1917, o governo de Kerensky foi derrubado pelos bolcheviques, liderados por Lênin. Perseguido pelos bolcheviques, Kerensky viveu exilado em Paris até 1940. Logo em seguida, passou a viver nos Estados Unidos, dedicando-se a escrever sobre política e história da Rússia. Durante esse período, participou de programas de rádio como comentarista, e veio a falecer aos 89 anos de idade, em 11 de junho de 1970, na cidade de Nova York, EUA (RT, 2018a).

Alexander Soljenítsin (1918-2008)

Alexander Issaiévich Soljenítsin nasceu na cidade de Kislovodsk, no Cáucaso, próximo da fronteira com a Geórgia, logo após a revolução de outubro, em 1918. Sua mãe era filha de um kulak da região da base da cordilheira caucasiana, e seu pai, Isaac Soljenítsin, era um oficial de artilharia do exército czarista. Isaac morreu ainda no período de gestação, deixando Alexander órfão desde o seu nascimento. O confisco das terras do seu avô, durante a revolução, levaram à uma vida humilde desde cedo, enquanto o passado de seu pai necessitava ser mantido em segredo.

Formou-se em matemática e física pela Universidade Estatal de Rostov, em 1941, cursando concomitantemente, por via de cartas, literatura no Instituto de Filosofia, Literatura e História da Universidade Estatal de Moscou. Logo foi convocado para a 2ª Guerra Mundial, na qual foi oficial artilheiro, sendo condecorado duas vezes e chegando ao posto de capitão. No final da guerra, quando da chegada do exército vermelho em território alemão, foi aprisionado pela NKVD, a polícia política soviética, por tecer críticas ao regime em cartas enviadas durante o conflito. Passará os próximos 11 anos em campos de trabalho, prisões e hospitais psiquiátricos (ERICKSON JR. e KLIMOFF, 2018).

É a partir das experiências nos campos de trabalho, chamados “gulags”, que sua proeminência literária despertará. Escreveu na prisão suas principais obras, dentre elas: opus Um Dia na vida de Ivan Denisovich, seu magnum opus, lançado no exterior em 1962. O autor narra, na obra, em detalhes, como funcionavam os campos de trabalho forçado na URSS, descrevendo as condições de trabalho precárias e a vida dos prisioneiros, numa espécie de autobiografia. A partir de 1953 passa a cumprir a sua pena de exílio perpétuo no Cazaquistão. Sua obra é premiada com o nobel de literatura em 1970, o qual o autor não pode atender. O evento, no entanto, tornou-se um empecilho político para o Partido Comunista da URSS (PCUS), tendo o Politburo acordado que seria melhor à deportação de Soljenítsin do que a manutenção de seu status de prisioneiro na URSS. Tal fato ocorre em 1974, tendo sido deportado para a Alemanha Ocidental e posteriormente indo morar nos EUA. Sua obra, Arquipélago Gulag, é reconhecida como uma das mais detalhadas descrições do sistema de gulags soviético, sendo utilizada pelo Ocidente para tecer críticas ao regime comunista (MANDEL, 1974).

A partir da sua deportação o autor, agora já convertido do marxismo para um nacionalismo de requintes monárquicos, passa a ser criticado por suas posições. Defensor da volta do Czarismo, comentou sobre uma suposta proeminência de judeus dentro do regime soviético, sendo taxado de anti-semita. Retorna à Rússia em 1994, tendo forte ilusão pelo governo Ieltsin e o colapso que o país vivia. A partir da ascensão de Putin, passa a ver nele a única opção viável para o país, um presidente forte, nacionalista e cristão, assim como o próprio Soljenítsin (HARDING, 2010).

Alexandra Kollontai (1872-1952)

Nascida em uma família aristocrática, **Alexandra Kollontai** foi uma das primeiras mulheres que aderiram ao grupo revolucionário que instaurou o regime comunista na Rússia. Filha de um general Czarista de origem ucraniana e de uma filha de aristocrata rural finlandês, Kollontai teve um acesso privilegiado à educação e a culturas. Bacharelou-se aos 16 anos e seguiu fazendo uma série de cursos literários, de economia e de história, muito embora tenha sido proibida de frequentar um instituto superior (HAUPT e MARIE, 1972).

Casou-se muito jovem, contrariando o desejo de seus pais, mas logo se divorciou, passando aos estudos políticos e à panfletagem. Atuou em diversas regiões e países, sempre buscando a conscientização da classe obreira. De início não era uma social democrata ou revolucionária, simpatizando com o populismo e com os grupos anarquistas e terroristas contra o Czar. Compilou e realizou estudos sobre as condições obreiras na Finlândia e na Rússia. Panfletou e atuou nos partidos de esquerda na Suécia, Alemanha, Bélgica, Estados Unidos, França, Suíça e Reino Unido, tendo tido contato com as mais diversas experiências populares. Com as revoltas camponesas de 1903 e o debate delas nascente, voltou-se para a questão social democrata (HAUPT e MARIE, 1972).

De início panfletava para ambos Mencheviques e Bolcheviques, mas em 1904 se filia à ala Menchevique, muito pela sua admiração por Plekhanov, com a qual teve contato no estrangeiro. Assim o fez até 1915, quando vinculou-se à facção Bolchevique. O massacre na frente do palácio de inverno, ainda em 1905, levou-a para o caminho revolucionário. Fugiu da Rússia em 1908 e, atuando do estrangeiro, ganhou destaque dentro do partido Bolchevique. Foi eleita membro do Comitê Executivo do Soviete de Petrogrado, logo sendo presa pelo governo Kerensky em 1917. A pedido do Soviete foi libertada. Quando ocorre a revolução de Outubro já era membro do Comitê Central do Partido Bolchevique. Foi responsável por construir a maior parte das leis de proteção à maternidade e à infância, bem como foi eleita Comissária do Povo para Seguridade Social. Teve papel muito importante na mobilização da mulher soviética para a revolução e na Segunda Guerra Mundial. Construiu comitês femininos populares e elaborou uma síntese feminista que colocava a luta pela emancipação feminina em estrita consonância com a luta contra o capital, sendo incorporada na política bolchevique e posteriormente soviética (HAUPT e MARIE, 1972).

Foi grande apoiadora de Lênin, mas perdeu o posto dentro do CC quando criticou duramente o tratado de Brest-Litovsk, advogando pela continuidade dos conflitos. Formou o grupo “Oposição Operária”, que estava à esquerda do grupo stalinista, mas não apoiava diretamente Trotsky (HAUPT e MARIE, 1972).

Apoiou Stalin durante a crise sucessória da morte de Lênin, e quando da implementação do II Plano Quinquenal. Continuou sendo oposição ao governo,

mas sua posição dúbia fez-la ser enviada como emissária da URSS na Noruega. Também exerceu a função de responsável pelo departamento de comércio internacional, emissária no México e finalmente, em 1930, enviada da URSS na Suécia, cargo que ocuparia até 1945. Foi neste cargo que entregou um ultimatum, realizado por Stalin, ao governo Sueco para que não aceitasse Trotsky como asilado político. Em 1945 aposentou-se e faleceu em 1952. Foi uma das opositoras à Stalin mais ferrenhas, mas foi poupada do processo de expurgos, muito pelo papel crucial que teve na construção de uma identidade da mulher soviética (HAUPT e MARIE, 1972).

Andrei Gromiko (1909- 1989)

Nascido de uma família humilde na Bielorrússia, **Andrei Andreyevich Gromiko** viveu, durante a sua infância, o conturbado cenário político na Rússia, a Revolução de Outubro e a Guerra Civil que se sucedeu. Filho de uma camponesa e um operário, ambos de origem bielorrussa, viu seu pai lutar na 1ª Guerra Mundial e desde cedo simpatizou com as ideias revolucionárias (ARAÚJO, 2016).

Logo após fazer 13 anos ingressou no Komsomol (União da Juventude Comunista) local. Em 1923 foi eleito Primeiro Secretário da região. Ao terminar a escola primária mudou-se para Borisov, na região de Minsk (Bielorrússia) para estudar em uma escola técnica, e em 1931 juntou-se ao PCUS. Em seu primeiro congresso já foi eleito delegado da sua célula do partido. Nesta época conheceu sua única esposa, Lídia, com a qual teve dois filhos, Anatoly (futuro expoente de estudos africanos e diplomata da URSS) e Emília.

Foi nomeado diretor de uma escola secundária em Dzerzhinsk, na Rússia, logo após concluir sua escola técnica. Algum tempo depois foi convidado por um membro do Comitê Central do Partido Comunista da Bielorrússia para fazer pós-graduação em um curso de economia, em Minsk. Um ano depois, em 1934, foi enviado para Moscou com sua família. Após três anos de estudo, tornou-se professor e pesquisador da Academia Russa de Ciências, com especialidade em economia dos Estados Unidos. Em 1939, após os expurgos de 1938, foi convocado por uma comissão do comitê central do PCUS para uma vaga na diplomacia. Iniciou seus trabalhos no Comissariado do Povo para Assuntos Exteriores, em Moscou,

logo atingindo o posto de chefe do departamento das Américas. Após seis meses na função, foi convidado por Stalin para ser segundo em comando na embaixada soviética nos Estados Unidos. Em 1943 sucedeu Litvinov como embaixador da URSS no país. Foi delegado soviético nas conferências de Potsdam, Yalta e Teerã, sendo chefe desta última quando da partida de Molotov. Participou ativamente da conferência de São Francisco e enviado permanente da URSS na ONU de 1946 a 1948. Foi nomeado ministro das relações exteriores da URSS em 1953, cargo que ocupou até 1985. Ocupou o cargo de presidente do Conselho de Ministros de 1983 a 1985, quando foi eleito presidente do Presidium da URSS, cargo que reteve até a deterioração da sua saúde no final de 1988, sendo sucedido por Gorbachov (ELLIOT e LEWIN, 2005).

É tido como uma reação, juntamente com Brejnev, de uma ala mais centralizadora dentro do Partido para corrigir os rumos que a URSS tomara no governo Khrushchov. Teve papel decisivo na formulação da política externa soviética até sua morte, tendo composto, junto com Andropov e Ustinov, a Troika que de facto governou o país quando do adoecimento de Brejnev já no final dos anos 70. Frequentemente advogou uma posição crítica e combativa em comparação com seus colegas. Morreu em 1989, meses após se licenciar da presidência do Presidium da URSS, cargo que já havia perdido parte de sua função pelas manobras de Gorbachov para desvincular o PCUS do governo da URSS (ARAÚJO, 2016).

Boris Ieltsin (1931-2007)

Nascido em Sverdlovsk (atual Iekaterimburgo), na Rússia, em fevereiro de 1931, **Boris Ieltsin**, foi o primeiro líder russo eleito democraticamente. Começou sua carreira política aos 37 anos como chefe da organização local do PCUS. Despertou a atenção de Michail Gorbachov e, em 1985, Gorbachov elevou Ieltsin a dirigente em Moscou, a capital da União Soviética. Ieltsin perdeu o cargo em 1987, devido à pressão excessiva que fazia por mudanças. Em 1989, foi eleito para uma vaga em uma nova legislatura soviética. No ano seguinte, foi eleito presidente da República da Rússia. Em agosto de 1991, opôs-se ao golpe contra Gorbachov e esteve ligado à formação da CEI - Comunidade de Estados Independentes. Nessa época, contudo, muitas das repúblicas soviéticas já queriam sua independência

total. Em dezembro daquele ano, cada uma das repúblicas se tornou um país independente. Ieltsin permaneceu como presidente da Rússia, se reelegendo em 1996 (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 2018a; FOLHA DE S. PAULO, 2007).

“Respeitado e admirado como líder entre seus pares políticos, os anos de transição pós desmantelamento da União Soviética do governo Ieltsin geram análises opostas na população; para uns ele foi o pivô da modernidade e do nascimento de uma nação, para outros, o culpado pelo caos econômico e suas consequências” (TIMOFEITCHEV, 2017). Ieltsin pretendia, com a reforma política, instaurar a economia de mercado, mas encontrou a resistência interna. Ieltsin introduziu vários direitos democráticos na Rússia, como o direito à liberdade de imprensa e à propriedade privada, as eleições multipartidárias e a abertura das fronteiras para o livre comércio e o turismo. Ieltsin se retirou da vida pública em 31 de dezembro de 1999. Morreu em Moscou em 2007, em decorrência de problemas cardíacos (FOLHA DE S. PAULO, 2007; TIMOFEITCHEV, 2017) .

Czar Nicolau II (1868-1918)

Nicolau II Aleksandrovitch Romanov nasceu em São Petersburgo em 1868 e foi o último czar e autocrata do Império Russo entre 1894 até a sua abdicação forçada em 1917. O reinado de Nicolau foi marcado pela decadência econômica e militar, pela execução de oponentes políticos e pela tentativa de fortalecimento do czarismo na Rússia. Neste sentido, ficou conhecido como “Nicolau Sanguinário” por conta da adoção de medidas repressivas contra a população, ilustradas no Domingo Sangrento (1905) e na supressão da Revolução de 1905 (DAL SANTO, 2016). Tais revoltas foram consequências da derrota humilhante da Rússia na Guerra Russo-Japonesa (1904-1905). Esteve no comando da Rússia durante a Primeira Guerra Mundial e a insistência de permanecer no conflito, mesmo com vigorosas baixas e insuficiência de armas e alimentos, resultou na eclosão da revolta popular e a decadência da dinastia Romanov (TAMES, 1972). Durante a Revolução Russa em 1917, abdicou ao trono, mas acabou sendo aprisionado na Sibéria juntamente com toda a família real, tendo sido eventualmente executado pelos Bolcheviques em 17 de julho de 1918 (LIEVEN, 1993).

Georgy Zhukov (1896-1974)

Nascido em uma família humilde do vilarejo de Strelkovka, 100 km a sudoeste de Moscou, **Georgy Konstantinovitch Zhukov** foi um dos militares mais importantes da história soviética e russa. Foi convocado, em 1915, para servir na cavalaria do exército imperial russo, tendo sido condecorado pela sua bravura. Como início da guerra civil junta-se ao partido comunista, onde é prestigiado pela sua trajetória humilde. Luta na Guerra Civil e vê uma rápida ascensão no exército vermelho (ROBERTS, 2013; ZHUKOV, 2013).

Em 1938 é nomeado vice-comandante do distrito militar da Bielorrússia e em 1939 comandante do 57º Corpo Especial de Exército Khalkhin-Gol, na fronteira da Mongólia com a Manchúria, ocupada à época pelo Japão. Repeliu com sucesso as investidas japonesas em Agosto na região, garantindo a segurança da fronteira soviética no extremo oriente. O reconhecimento pela conquista vem em 1940, com sua nomeação para comandar o Distrito Militar Especial de Kiev. Promovido a general em Junho de 1940 por Stalin, é eleito para o Comitê Central em 1941. É renomeado Chefe da Equipe do Fronte de Reserva em julho de 1941, movimento visto por alguns autores como uma reação à sua rápida ascensão no Partido (ROBERTS, 2013).

Com a invasão Alemã, é responsável por coordenar a defesa de Moscou, a contraofensiva de Leningrado e de Stalingrado e a Batalha de Kursk, que destruiu a espinha dorsal dos equipamentos mecanizados alemães, consolidando o destino da guerra. Fica responsável pelo Fronte da Bielorrússia que reconquista a Polônia e toma Berlim. Recebe formalmente a rendição alemã em nome do governo Soviético. É nomeado chefe das forças soviéticas de ocupação na Alemanha. A partir de então, uma série de desentendimentos com a alta cúpula do partido e com Stalin forçaram-no à posições inferiores. Foi expulso do Comitê Central em 1947 (ROBERTS, 2013; ZHUKOV, 2013).

Após comandar a divisão dos Urais, é re-eleito para o Comitê Central em 1952, sendo nomeado ministro da Defesa no ano seguinte. É o representante soviético no encontro de Genebra em 1955, conhecendo o presidente Eisenhower. No ano seguinte supervisiona a intervenção soviética na Hungria. Em 1957 é um dos

articuladores da defesa de Khrushchov contra a tentativa de golpe orquestrada por Molotov, sendo, em outubro, removido do comitê central por supostamente “afastar o exército do partido”. Tal movimento é visto como um receio de Khrushchov quanto ao poder político que Zhukov adquiriu. Em 1958 é aposentado das forças armadas pelo governo central e dedica seus anos para a escrita de suas memórias. Morre em 1974 em no hospital do Kremlin. Seu enterro foi o maior da história soviética para um não-líder do país, tendo sido superado apenas pelo de Stalin (ROBERTS, 2013).

Grigori Rasputin (1869-1916)

Filho de camponeses, **Grigori Yefimovich Rasputin** nasceu em Pokrovskoye, na Sibéria, em 1869. Na adolescência, Rasputin foi para o mosteiro de Verkhoture, nos Montes Urais, com o objetivo de se tornar um monge. Em 1903, mudou-se para São Petersburgo e logo ganhou fama quando foi procurado pelo czar Nicolau II e sua esposa, a czarina Alexandra Feodorovna, para curar os sangramentos do filho Alexei que sofria de hemofilia. “Com habilidades para acalmar o príncipe, diminuindo seus sangramentos, conquistou a confiança dos czares e durante cinco anos passou a exercer o papel de conselheiro da czarina” (FRAZÃO, 2015). “Protegido pela czarina, que o encarava como o tão desejado enviado de Deus, Rasputin aproveitou-se bem desse favoritismo para, rapidamente, chegar ao cargo de conselheiro de Estado” (MONIZ, 2003). Influenciava a czarina, que defendia sua presença na corte, na crença de que só ele era capaz de salvar a vida de seu filho. Nessa posição, Rasputin interferia na Igreja e nos assuntos do Império, nomeando ministros, ao mesmo tempo, que os derrubava. Não demorou muito, sua presença no palácio acabou por gerar críticas e rumores contra a família real. Em 1914, sofreu seu primeiro atentado, do qual milagrosamente sobreviveu (FRAZÃO, 2015; RINCÓN, 2017).

Grigori Rasputin fez a previsão de que a Rússia cairia em desgraça durante a Primeira Guerra Mundial, o que levou Nicolau II a abandonar a corte para comandar o exército em 1915. Ele e a czarina governavam a Rússia e foram responsáveis, em grande parte, pelo fracasso do imperador em contornar a onda de descontentamentos que antecederam à Revolução Russa. Em dezembro de 1916,

um grupo de nobres organizou uma cilada, e Rasputin acabou envenenado por cianureto durante a refeição (FRAZÃO, 2015; MONIZ, 2003).

Grigori Zinoviev (1883-1936)

Grigori Yevseyev Zinoviev, cujo verdadeiro nome era Ovsei-Gershen Aarovich Apfelbaum, nasceu em uma família judia de pecuaristas produtores de leite e fez seus primeiros estudos em casa. Zinoviev filiou-se ao Partido Social-Democrata Russo em 1901, sendo membro de ala bolchevique desde a sua formação, em 1903. Desde o princípio até a queda do Império Russo, Zinoviev atuou como um grande militante, além de ter sido um dos colaboradores mais próximos de Lênin.

Logo durante os primeiros meses da Revolução de 1917, Zinoviev fez parte da direção bolchevique. Como membros do Comitê Central, Zinoviev e Liev Kamenev foram os únicos membros a votar contra a proposta de luta armada de Lênin. Em outubro do mesmo ano, após a tomada de poder pelos bolcheviques, a direção do sindicato nacional dos ferroviários exigiu que o governo compartilhasse o poder com os demais partidos socialistas, sob ameaça de iniciar uma greve nacional. Ao longo dessa crise, Zinoviev e Lênin encontrava-se em lados opostos, o que, em seguida, culminou com a demissão de Zinoviev e outros militantes do Comitê Central, os quais foram chamados de desertores por Lênin (HAUPT e MARIE, 1972).

Dado o desprestígio de Zinoviev, Trotsky assumiu a segunda posição na hierarquia do partido bolchevique; contudo, Zinoviev voltaria ao Comitê Central em 1918, ficando responsável pela segurança de São Petersburgo durante os ataques mais intensos de Guerra Civil. Já em 1919, converteria-se em membro do partido do Politburo e presidente do Comintern. Com a morte de Lênin, Zinoviev uniria-se a Kamenev e Stalin contra Trotsky. Após o isolamento de Trotsky, passaram a surgir desavenças entre os três, o que fez com que, em dezembro de 1925, Stalin assumisse o controle e Zinoviev e Kamenev fossem nomeados a cargos inferiores. Fazendo grande oposição a Stalin, Zinoviev viu seu poder e prestígio serem consideravelmente reduzidos, sendo expulso do Comitê Central em 1927 e do próprio partido no ano seguinte juntamente com Kamenev. Depois de redigir cartas abertas reconhecendo seus erros, ambos foram readmitidos, permanecendo inativos até

1932, sendo novamente expulsos no mesmo ano e reincorporados em 1933, após serem obrigados a proferir discursos humilhantes no 17º Congresso (HAUPT e MARIE, 1972).

Entre altos e baixos, em 1934, depois do assassinato do bolchevique Sergei Mironovich Kírov, Stalin desencadeou o chamado Grande Expurgo, onde prendeu vários de seus opositores, entre eles Zinoviev e Kamenev. Depois de assumir “cumplicidade moral” com o assassinato de Kírov, Zinoviev foi condenado a dez anos de prisão. Em 1934, sob novo julgamento, agora público, Zinoviev foi obrigado a confessar diversos crimes, os quais culminaram em sua execução, em 25 de agosto de 1936.

Iuri Andropov (1914-1984)

Iuri Vladimirovitch Andropov nasceu em 1914 na província de Stavropol, ao Norte do Cáucaso, tendo sido Secretário Geral do PCUS entre 1982 a 1984. Suas primeiras experiências no Partido Comunista iniciaram em 1939 quando tornou-se membro, tendo sido transferido para o Comitê Central da República Soviética Carelo-Finlandesa, onde combateu como guerrilheiro durante a Segunda Guerra Mundial (RT, 2018b). Conhecido como “Açougueiro de Budapeste”, Andropov era embaixador da União Soviética na Hungria durante a Revolução de 1956, tendo sido favorável a uma intervenção militar dura para suprimir o movimento húngaro (ANDREW; MITROKHIN, 2000). Em 1967 tornou-se presidente da KGB e ao longo de sua carreira buscou eliminar dissidentes políticos, realizando prisões em massa e internações psiquiátricas como instrumentos de controle e repressão (THE TELEGRAPH, 2004).

Durante a Revolução de Praga (1968), foi um dos defensores de “medidas extremas” para controlar o movimento, contudo, tomou posição contrária ao uso de força militar no Afeganistão (1979) e na Polônia (1981). No comando da União Soviética, Andropov iniciou uma campanha anti-corrupção, e implementou reformas econômicas para elevar a produtividade e a capacidade científica soviéticas (RT, 2018b). No plano internacional, sua liderança foi marcada pela deterioração das relações com os Estados Unidos sob Ronald Reagan na questão dos mísseis

balísticos (RT, 2018b). Em 1983 foi internado em Moscou, vítima de insuficiência renal, e acabou falecendo em janeiro de 1984 após meses no hospital.

Josef Stalin (1878-1953)

Stalin é o pseudônimo de Josef Vissarionovitch Djughashvili, nascido em Gori, na Geórgia, no dia 18 de dezembro de 1878 e líder da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, entre os anos de 1924 e 1953. Filho de um sapateiro e de uma costureira, foi seminarista quando adolescente e, em 1899, quando expulso de um seminário, iniciou sua militância anticzarista e revolucionária. Entre os anos de 1902 e 1913, foi preso e exilado seis vezes. Depois de cinco fugas recebeu o nome de Stalin - que significa “homem de aço” (LUDWIG, 1943).

Em 1917, Stalin participou da Revolução Russa, ao lado de Lênin e teve papel fundamental na Guerra Civil, a qual desagregou o regime czarista. Depois da vitória do movimento, Lênin chefou o governo até sua morte, em 1924. O poder soviético foi então disputado por Leon Trótski, chefe do exército, e Stalin, secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética. Stalin, que pregava a consolidação interna da revolução, a estruturação de um Estado forte e a implantação do socialismo num só país, a fim de que posteriormente se tentasse expandir a revolução para a Europa, saiu vitorioso. A Stalin coube o controle de máquina de governo, função atribuída pela organização burocrática do Partido Comunista. Com o apoio dos presidentes dos soviets de Leningrado (Zinoviev) e de Moscou (Kamenev), Stalin obrigou Trotski a demitir-se do cargo de comissário da Guerra e deixar o país, exilando-se na Turquia. A partir de 1928, a economia soviética, sob o comando de Stálin, viveu a socialização total, com a abolição da NEP, política adotada por Lênin, e a instauração dos “planos quinquenais”. Elaborados pela Gosplan, órgão encarregado da planificação econômica, e que tinha por objetivo modernizar e industrializar a União Soviética (LUDWIG, 1943).

A fim de concretizar sua política de centralização de poder, Stalin buscou reafirmar sua autoridade, afastando todos os potenciais opositores por meio de julgamento, prisões, condenações e execuções, nos processos conhecidos como “Expurgos de Moscou”. Com um governo forte e uma economia em crescente desenvolvimento, a URSS assumiu uma posição de potência, tendo um papel

decisivo, sobretudo na II Guerra Mundial, o que a levou a dividir o poder global com os Estados Unidos durante a Guerra Fria. Stalin faleceu em Moscou, União Soviética, no dia 5 de março de 1953, ao que tudo indica, em decorrência de uma hemorragia cerebral. Seu corpo passou a ser exposto no mesmo salão em que se encontra o corpo de Lênin, na Praça Vermelha, em Moscou. Contudo, no XX Congresso do Partido Comunista, realizado em 1956, Nikita Khrushchov denunciou os crimes cometidos por Stalin. Após a denúncia, o corpo do “Pai dos Povos”, como era chamado Stalin, foi enterrado próximo aos muros do Kremlin, onde permanece até hoje.

Leon Trotsky (1879-1940)

Trotsky, que se chamava, de fato, Lev Davidovich Bronstein, nasceu em Ianovka, à época Império Russo e atual Ucrânia, no dia 7 de novembro de 1879. Filho de lavradores de origem judaica, com nove anos foi mandado para uma escola judaica em Odessa. Em 1895, com 16 anos, começou a se interessar pelas revoltas das camadas populares contra o governo do Czar Nicolau II. Participou das agitações políticas, imprimindo e distribuindo panfletos entre estudantes e operários.

Em 1897, Leon Trotsky ingressou na Universidade de Odessa, mas logo abandonou o curso. Em 1898, na liderança do “Partido dos Trabalhadores Russos”, foi preso e enviado para Moscou. Durante os dois anos em que ficou preso, aprofundou seus estudos na obra “O Capital” do filósofo alemão Karl Marx. Em 1902, para facilitar sua fuga, mudou seu nome para Trotsky, seguindo então para Londres, onde se uniu ao Partido Social Democrata Russo, cujo entre os líderes estava Lênin. Seus ideais eram difundidos pelo jornal *Iskra* (A Centelha), o qual entrava clandestinamente na Rússia. Em 1905, no final da guerra contra o Japão, a Rússia estava extremamente enfraquecida. Nessa época, após se desentender com Lênin, Leon Trotsky retornou ilegalmente à Rússia. No dia 22 de janeiro desse mesmo ano, ocorre a eclosão do “Domingo Sangrento”, quando a multidão que se reunia em frente ao Palácio de Inverno de São Petersburgo, pedindo audiência com o czar, é brutalmente assassinada. Junto com os operários de São Petersburgo, Trotsky cria um conselho de operários, o “Soviete” e torna-se seu presidente. Começa então a

luta para derrubada do Governo Provisório de Alexander Kerensky, que assumiu o cargo após a abdicação do Czar (VOLKOGONOV, 1996).

Kerenski passou a perseguir os bolcheviques, sendo Trotsky preso mais uma vez, porém conseguindo fugir e viver entre a Áustria, a Suíça, a França e os Estados Unidos. Em 1917, de volta a Petrogrado, nova denominação de São Petersburgo, prepara-se a revolução socialista, conforme seus planos, através da infiltração dos bolcheviques nos soviets, criando uma milícia popular, a Guarda Vermelha, e assumindo o controle da guarnição militar, com a instituição de um Comitê Militar Revolucionário. Na noite de 24 para 25 de outubro eclode a revolução, assumindo os bolcheviques o controle do governo. Conforme seu programa, Lênin passou a presidir o Conselho dos Comissários do Povo, formado por bolcheviques. Leon Trotsky ocupou o Comissariado das Relações Exteriores e, posteriormente, o Comissariado da Guerra, enquanto Josef Stalin o encarregou-se do Comissariado das Nacionalidades. A família do czar foi presa e, em 1918, o Partido Bolchevique transformava-se em Partido Comunista, o primeiro no mundo, sob o nome de União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. O novo regime enfrentou três anos de guerras contra os mencheviques, contrários ao novo regime, apoiados por países europeus temerosos de que o regime se espalhasse. Nesse mesmo ano, por ordem de Lênin, a família do czar foi executada (VOLKOGONOV, 1996).

Leon Trotsky passou todo o período da guerra civil num trem blindado, percorrendo o país e conduzindo a luta. Era o preferido de Lênin para sucedê-lo, mas foi afastado por Stalin, que assumiu o poder depois da morte do líder. Nos primeiros anos de governo, Stalin impôs sacrifícios brutais ao povo russo. Entrou em atrito com Trotsky que queria a continuação do processo revolucionário até chegar a algo parecido com o comunismo imaginado por Marx: um modelo sem classes sociais e sem fronteiras nacionais. Em 1929 foi expulso da União Soviética e viveu na Turquia, França, Noruega e no México (1937), onde foi assassinado por um agente de Stalin, falecendo em Coyoacán, no dia 21 de agosto de 1940 (VOLKOGONOV, 1996).

Leonid Brejnev (1906-1982)

Leonid Brejnev nasceu em Kamenskoje, Ucrânia, em 19 de dezembro de 1906, período em que a região pertencia à Rússia czarista. Ingressou no PCUS em 1931. Nessa época, conheceu Nikita Khrushchov, com quem cultivou uma boa amizade. Mais tarde, em 1939, tornou-se diretor do PCUS da cidade de Dneprodzerzhinsk. Em junho de 1940, quando a Alemanha nazista invadiu a União Soviética, foi convocado para lutar pela defesa do país, ascendendo na carreira militar. Em 1950, tornou-se deputado do Soviete Supremo, a mais importante instância legislativa da URSS. Em 1951, foi Primeiro Secretário do Partido na Moldávia e, no ano seguinte, passou a integrar o Comitê Central do PCUS. Em meados da década de 1950, foi convocado a Moscou e designado membro do Politburo. Em 1963, tornou-se primeiro secretário do Comitê Central e, em outubro de 1964, com a queda de Nikita Khrushchov, assumiu a liderança do país (ESTADÃO, 2018; O GLOBO, 2013).

Já instalado no Kremlin, promoveria, no plano externo, a distensão internacional, de forma que, em 18 anos de poder, negociou com cinco presidentes americanos. Em 1972, Brejnev e o então presidente dos EUA, Richard Nixon, assinaram o SALT-1 - Tratado de Limitação de Armas Estratégicas - e o Tratado de Mísseis Antibalísticos. As relações soviético-norte-americanas melhoraram durante algum tempo, mas voltaram a deteriorar-se com a intervenção no Afeganistão em 1979. Enquanto isso, internamente, faria um governo estável. Implementou parcialmente o plano de reformas econômicas, que preconizava a introdução de certos elementos da economia de mercado (EGOROV, 2018; O GLOBO, 2013).

De fato, a economia soviética crescia a um ritmo acelerado no final da década de 1960. A indústria petrolífera russa dos dias de hoje foi, inclusive, formada na era Brejnev. O Choque do Petróleo de 1973 permitiu à URSS ganhar somas significativas ao fornecer petróleo bruto à Europa, caindo em uma fase de estagnação econômica - a chamada “estagnação Brezhnev” - com o fim da crise (EGOROV, 2018). O líder soviético investiu massivamente em armas e tecnologia espacial, em detrimento dos sistemas públicos de saúde e educação. Morreu em 1982, em função de um ataque cardíaco em Moscou. “Governou a URSS mais tempo do que qualquer outro líder, à exceção de Stalin” (ESTADÃO, 2018).

Maxim Litvinov (1876-1951)

Nascido Meir Henoch Wallach-Finkelstein, **Litvinov** adotou seu pseudônimo russificado em 1898, quando da sua entrada no Partido Operário Social-Democrata Russo, à época ilegal. Filho de uma família de origem Judia e burguesa, nasceu em Białystok, nordeste da Polônia. Alistou-se, aos dezessete anos, como voluntário no exército, onde estudou economia, ciências sociais e iniciou seus estudos sobre o marxismo (HAUPT e MARIE, 1972).

Mudou-se para Kiev em 1901, participando do comitê central daquela cidade. Foi preso, junto com os demais membros, pela polícia czarista e enviado à Sibéria Oriental. Em 1902 consegue fugir, juntamente com outros 10 detentos, exilando-se na Suíça. No II Congresso de Londres do POSDR houve a cisão entre a ala Bolchevique e Menchevique, tendo Litvinov aderido à primeira. Em 1903 retorna ilegalmente à Rússia, onde trabalha como plenipotenciário do Comitê Central para a região Nórdica. É eleito representante dos Bolcheviques para o III Congresso de Londres. Continua atuando em outras atividades, por vezes fugindo para o estrangeiro fugindo da perseguição Czarista (HAUPT e MARIE, 1972).

Após a revolução de Outubro, foi o primeiro plenipotenciário soviético na Inglaterra, feito refém do governo inglês, após 10 meses no país, e trocado pelo diplomata R. H. Bruce Lockhart, preso pelos bolcheviques acusado de tentar matar Lenin. Presidiu a Conferência sobre Desarmamento de Moscou (1923) e estabeleceu os contatos da URSS com a Alemanha, Dinamarca e Suíça, em especial os acordos comerciais com a primeira que sustentaram a industrialização da NEP soviética. Ligado ao Comissariado do Povo para Assuntos Estrangeiros, sustentou a ideia de segurança coletiva Europeia e criticou durante os anos 30 a convivência Anglo-Francesa com a ascensão do Nazi-Fascismo. Foi substituído por Molotov nas negociações com o Ocidente por não acreditar que tais países se comprometiam verdadeiramente com a contenção de Hitler. Sobreviveu à Segunda Guerra, tendo falecido em 1951 como uma das bases da política externa soviética (HAUPT e MARIE, 1972).

Mikhail Gorbachov (1931- presente)

Mikhail Sergeyevich Gorbachov nasceu em em 1931 na cidade de Privolnoye, Norte do Cáucaso, tendo sido o último líder e Secretário Geral do PCUS até 1991. Seu primeiro contato com a política foi através do Liga Comunista de Jovens, a qual ingressou ainda jovem, tendo se tornado membro do Partido Comunista em 1950, mesmo ano que ingressou na Universidade Estatal de Moscou para cursar Direito (FUNDAÇÃO GORBACHOV, 2018). Sua ascensão no Partido foi rápida, tornando-se Primeiro Secretário do Comitê Regional de Stavropol em 1970, membro do Comitê Central em 1978, e por fim membro do Politburo em 1980 (FUNDAÇÃO GORBACHOV, 2018). Gorbachov foi tutelado por Suslov em sua ascensão no Partido, tendo atuado ativamente durante os últimos meses de Andropov até ser eleito pelo Politburo para a liderança da URSS após a morte de Chernenko em 1985. Suas principais ideias e objetivos para a União Soviética estavam alinhadas com a modernização econômica, após a estagnação dos anos Brejnev, além de tornar a burocracia soviética mais eficiente e responsável (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 2018b). Sua liderança foi marcada pela *glasnost* (abertura) e *perestroika* (reestruturação), as quais buscavam liberalizar a economia e a política soviéticas respectivamente, permitindo a liberdade de expressão e descentralização econômica (TAUBMAN, 2017).

Na política externa, Gorbachov estabeleceu relações amistosas com o Ocidente e os EUA sob Reagan, reduzindo os arsenais nucleares e retirando tropas soviéticas do Afeganistão e do Leste Europeu, formado cada vez mais por governos não-comunistas (GORBACHOV, 1996). Em razão destas medidas, foi premiado com o Nobel da Paz em 1990. No entanto, durante o processo de descentralização política, Gorbachov foi ultrapassado pelos eventos e acabou cedendo rapidamente seus poderes e autoridade política como líder da URSS, até ser eclipsado por fim por Boris Yeltsin (BUSHKOVITCH, 2014). Em 25 de dezembro de 1991, Gorbachov renunciou à posição de líder da URSS, pondo fim à mesma. Atualmente, Gorbachov atua em think tanks pelo mundo.

Mikhail Suslov (1902-1982)

Mikhail Andreyevich Suslov nasceu em Shakhovskoye, Rússia, em 1902, tendo sido o principal responsável pela área da ideologia e divisão de poderes no PCUS. Seu primeiro contato com o comunismo foi através da Liga Comunista de Jovens, tendo após se filiado ao Partido Comunista em 1921 (DODER, 1982). Durante os anos 1930, ascendeu na hierarquia do Partido e foi um dos principais responsáveis pela execução dos Expurgos na Ucrânia e no Cáucaso durante os anos de Stalin, e pela deportação de minorias e dissidentes para a Sibéria durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1947 tornou-se membro Secretário do Comitê Central e logo após a Segunda Guerra Mundial, em 1952, tornou-se membro do Politburo (DODER, 1982). Suslov pode ser considerado uma das pessoas mais influentes nos acontecimentos posteriores na URSS.

Em termos ideológicos, era considerado conservador em relação aos demais partidos comunistas europeus, defensor do centralismo democrático, e anti reformista face às tentativas de reformas radicais no bloco, como na Tchecoslováquia (1968) e na Polônia (1981-1982). Contudo, era resistente à invasões militares, somente em último caso (como na Hungria em 1956), preferindo medidas políticas duras (SCHMIDT-HAUER, 1986). Crítico de Khrushchov, esteve envolvido na sua deposição e consequente ascensão de Brejnev (LAW, 1975). No final de sua vida, manteve sua importância na cúpula do PCUS ao lidar com os demais partidos comunistas para a manutenção do alinhamento ideológico. Possível sucessor de Brejnev, Suslov faleceu em 25 de janeiro de 1982, vítima de diabetes, o que deu início na disputa pelo comando da URSS.

Nestor Makhno (1888-1934)

Nestor Ivanovitch Makhno foi um revolucionário anarco-comunista nascido em 1888 na cidade de Huliaipole, sudeste da Ucrânia. Entre 1917 a 1922, Makhno foi comandante do Exército Revolucionário Insurrecional da Ucrânia ou Exército Negro durante a Revolução Ucrainiana, tendo combatido forças externas que buscavam conquistar e controlar a Ucrânia, tais como: nacionalistas ucranianos, forças do Império Alemão e Austro-Húngaro, o Hetmanato Ucrainiano, o Exército

Branco e o Exército Vermelho. Durante a Guerra Civil da Rússia na sequência da Revolução Russa, Makhno organizou um movimento de camponeses contrário às forças nacionalistas e conservadoras que surgiam na Ucrânia com apoio do Império Alemão e do Austro-Húngaro (KANTOWICZ, 1999). A partir dos ideais anarco-comunistas, Makhno buscou aplicar os princípios do anarquismo ao abolir toda forma de Estado e estabelecer a gestão entre conselhos de trabalhadores (soviets) nas regiões onde controlava, no Sul da Ucrânia.

Em sua relação com o PCUS, o anarquista ucraniano era contrário à fase da ditadura do proletariado, quando o Partido adquire poder durante a fase de transição, considerando os Bolcheviques verdadeiros ditadores. Durante o combate contra o Exército Branco, Makhno firmou uma aliança com as forças do Exército Vermelho até a vitória sobre as forças revolucionárias em 1920; entretanto, logo após os Bolcheviques retomarem o combate contra todas as forças anarquistas. As forças anarquistas do Exército Negro acabaram sendo executadas pelo Exército Vermelho, mas Makhno conseguiu escapar e foi forçado ao exílio em Paris, onde viveu durante seus últimos anos mantendo um grupo anarquista até sua morte por tuberculose, em 1934.

Nikita Khrushchov (1894-1971)

Nikita Khrushchov nasceu em 15 de abril de 1894, em Kalinovka, no sul da Rússia, próximo à fronteira com a Ucrânia. Em 1918, aos vinte e quatro anos, ele se juntou ao PCUS e lutou no Exército Vermelho durante a Revolução Russa. Em 1938, ele foi nomeado primeiro-secretário do Partido Comunista Ucraniano e, ao mesmo tempo, foi nomeado para o Politburo, o corpo governante do PCUS. Durante a Segunda Guerra Mundial, Khrushchov serviu no Exército Vermelho e avançou para o posto de tenente-general (BIOGRAPHY, 2018; THOMPSON, 1995).

Em 1949, Khrushchov foi convocado a Moscou para servir no Secretariado do partido. Após a morte de Joseph Stalin em 1953, Khrushchov tornou-se o primeiro secretário do Comitê Central do PCUS. Em 1956, denunciou os excessos do Stalin, encorajando a política de desestalinização. Ele tentou humanizar o sistema soviético relaxando as restrições à liberdade de expressão e liberando ondas de

presos políticos dos campos de trabalhos forçados. Ele relaxou a produção de bens militares e aumentou a produção de bens de consumo apenas para impor cortes durante a corrida armamentista. No entanto, alguns de seus ambiciosos projetos econômicos fracassaram e seu manejo de assuntos externos resultou em um certo revés (THOMPSON, 1995).

Enquanto isso, o início da Guerra Fria começou a aumentar em 1960, quando Khrushchov rompeu as negociações com o presidente Eisenhower. Dois anos depois, os Estados Unidos e a União Soviética ficaram à porta da guerra nuclear durante a Crise dos Mísseis de Cuba em 1962, quando os Estados Unidos esperaram Khrushchov retirar armas nucleares de propriedade soviética de Cuba. Estes desenvolvimentos causaram preocupação entre os líderes do partido na União Soviética. Em outubro de 1964, Khrushchov foi forçado a se aposentar por outros líderes partidários. Como cidadão, ele viveu uma vida tranquila até sua morte em 11 de setembro de 1971, em Moscou (KHRUSHCHOV, 2000; ILIC; SMITH, 2009).

Nikolai Bukharin (1888-1938)

Bukharin nasceu de uma família de intelectuais, ambos professores. Inspirou-se em seu pai, matemático, desde cedo, tendo grande contato e interesse pelas áreas de ciências exatas. Sua família foi transferida para a Bessarábia, atual Romênia, onde seu pai assumiu um posto de fiscal tributário. Logo após este período, foi remanejado para Moscou onde perdeu o emprego. Tal período foi marcado pelo amadurecimento intelectual de Bukharin, onde assumiu o ceticismo religioso e iniciou seus estudos filosóficos, muito por livros que lhe eram passados após seu pai ler. Conseguiu ir para uma escola de ensino regular, tirando notas excelentes e acabando em primeiro lugar no colégio, muito embora reconhecesse que não se esforçava, o que reforçou seu ceticismo com os padrões sociais da época (HAUPT e MARIE, 1972).

Ao ingressar na escola secundária passou a organizar círculos de leitura sobre temas políticos, filosóficos e econômicos, tendo foco neste último. Tais grupos foram reproduzidos quando de seu ingresso na faculdade, servindo de base para o contato de Bukharin, da universidade e dos movimentos sociais. Em 1906, após as revoltas de 1905, ingressou no POSDR. Teve de fugir ao estrangeiro em 1910 para

não ser aprisionado pela polícia czarista. Considerava-se um bolchevista ortodoxo, nem conciliador, nem otzovista (grupo que negava a participação bolchevique em órgãos legais) (HAUPT e MARIE, 1972).

Durante o processo revolucionário, encontrava-se à esquerda no espectro político intra-partidário, próximo de Trotsky, considerando-se muito próximo de Lênin. Foi eleito para o Comitê Central do partido no seu VI Congresso. Logo depois foi eleito chefe do Presidium da Comintern e membro do Politburo do partido. Defendia inicialmente a tese trotskista de militarização dos sindicatos em prol da revolução, ao contrário da tese leninista de autonomia sindical. O fracasso da Revolução Alemã, no entanto, mudam a perspectiva de Bukharin. Passa a criticar a revolução mundial, advogando que o capitalismo estabilizara-se novamente e o isolamento soviético requiritava a construção de um socialismo por conta própria, consolida-se a tese do “socialismo em um só país”. Stalin e Bukharin lideram a oposição de direita, dentro do partido, contra a postura da esquerda trotskista. Expurgam Trotsky e seus companheiros do partido e consolidam o caminho progressivo da industrialização em detrimento de um choque de coletivização forçada, proposto por Trotsky (HAUPT e MARIE, 1972).

Essa posição dura até o final do primeiro plano quinquenal, quando os Kulaks adquirem muito poder após a NEP. Stalin advoga pela coletivização forçada para combater a ascensão política dos Kulaks, que passam a advogar pela volta do capitalismo. Bukharin continua sustentando a progressividade da coletivização, advogando que o setor agrícola era quem produzia os excedentes para a industrialização e deveria ser protegido. Em 1936 Stalin inicia o Grande Expurgo, Bukharin é preso em 1937 e executado em 1938. O pretexto escolhido foi uma série de correspondências em que o bolchevique tratou sobre o possível assassinato de Lênin, mais de uma década antes, no auge da guerra civil. Sua tese do socialismo em um só país continuou, no entanto, como pilar central da política soviética até o final da reconstrução pós-guerra (HAUPT e MARIE, 1972).

Serguei Kirov (1886-1934)

Serguei Mironovich Kirov nasceu em 1886, na pequena vila de Urjum, 150km ao norte de Cazá. Perdeu seus pais logo cedo, morando com a sua avó.

em 1943, Yalta em 1945 e Potsdam em 1945, assim como de todas as conferências do pós-guerra realizadas até 1957 (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 2018c). Manteve influência política depois da morte de Stálin e foi vice-primeiro-ministro dos Negócios Estrangeiros (1953-1956) e ministro de Estado (1956-1957). Colocando-se contra os novos rumos políticos impostos pela desestalinização impulsionada por Nikita S. Khrushchov, foi demitido de todos os cargos em 1957 e enviado como embaixador para a Mongólia (1957-1960). Em 1962, depois de mais críticas ao seu governo, Khrushchov foi expulso do Partido Comunista. Viveu, depois disso, uma aposentadoria tranquila em Moscou. Em 1984, foi reintegrado ao partido, mas morreu em Moscou em 8 de novembro de 1986 (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 2018c; YEGOROV, 2018).

Referências

ANDREW, C.; MITROKHIN, V. *The Mitrokhin Archive: The KGB in Europe and the West*. Londres: Penguin, 2000.

ARAÚJO, ANDRÉ. *Andrei Gromyko, a cara da Guerra Fria*. Jornal GNN. 2016.

BUSHKOVITCH, P. *História Concisa da Rússia*. São Paulo: Edipro, 2014.

DAL SANTO, M. *The Cult of Nicholas II*. The National Interest. 2016. Disponível em: <<http://nationalinterest.org/feature/the-cult-nicholas-ii-14926>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

DMITRIEV, OLEG. *Prominent Russians: Yury Andropov*. Russiapedia. 2018. Disponível em: <<https://russiapedia.rt.com/prominent-russians/leaders/yury-andropov/>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

DODER, D. *Mikhail Suslov Dies*. The Washington Post. 1982. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/archive/local/1982/01/27/mikhail-suslov-dies/a0d6f278-f7fe-4426-9774-31f6d936a9a4/?noredirect=on&utm_term=.5748f26e3af8>.

EGOROV, OLEG. *Brejnev, da estabilidade à estagnação*. 2016. Disponível em: <https://br.rbth.com/arte/historia/2016/12/19/brejnev-da-estabilidade-a-estagnacao_662329>. Acesso em: 29 jun. 2018.

ELLIOTT, G.; LEWIN, M.. *The Soviet Century*. 2005.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. *Boris Ieltsin*. 2018a. Disponível em: <<https://escola.britannica.com.br/levels/fundamental/article/Boris-Ieltsin/482901>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

_____. Mikhail Gorbachev. *Encyclopaedia Britannica*. 2018b Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Mikhail-Gorbachev>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

_____. *Vyacheslav Mikhaylovich Molotov*. 2018c. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Vyacheslav-Mikhaylovich-Molotov>>. Acesso em: 30 jun. 2018.

ESTADÃO. *Leonid Brejnev*. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/noticias/personalidades,leonid-brejnev,991,0.htm>>. Acesso em: 28 jun. 2018.

FISCHER, L. *The Life of Lenin*. Londres: Weidenfeld and Nicolson. 1964.

FOLHA DE S. PAULO. *Saiba mais sobre Boris Ieltsin*. 2007. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u106715.shtml>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

FRAZÃO, D. *Grigori Rasputin*. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/grigori_rasputin/>. Acesso em: 30 jun. 2018.

FUNDAÇÃO GORBACHOV. Biography. *The Gorbachev Foundation*. 2018. Disponível em: <<http://www.gorby.ru/en/gorbachev/biography/>>. Acesso em: 07 jul. 2018.

GORBACHOV, M. *Memoirs*. Nova Iorque: Doubleday, 1996.

HARDING, Luke. *WikiLeaks cables: Solzhenitsyn praise for Vladimir Putin*. The Guardian. 2010.

HAUPT, G.; MARIE, JEAN-JACQUES. *Los Bolcheviques*. Distrito Federal (México) Ediciones Era. 1972.

ILIC, M.; SMITH, J. *Soviet State and Society Under Nikita Khrushchev*. Londres: Routledge, 2009.

KARTOWICZ, E. R. *The Rage of Nations: The World In The Twentieth Century*. Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing, 1999.

KHRUSHCHOV, Serguei. *Nikita Khrushchov: Creation of a Superpower*. University Park: Pennsylvania State University Press, 2000.

LAW, D. *Russian Civilization*. Nova Iorque: Ardent Media, 1975.

LIEVEN, D. *Nicholas II, Emperor of all the Russias*. Londres: Pimlico, 1993.

LUDWIG, E. *Stalin*. Editorial Calvino. 1943

MONIZ, G. C. *UM MISTÉRIO POR RESOLVER: GRIGORI RASPUTIN*. 2003. Disponível em: <http://obviousmag.org/archives/2012/03/um_misterio_por_resolver_grigori_rasputin.html>. Acesso em: 30 jun. 2018.

MANDEL, ERnest. *The Gulag Archipelago Solzhenitsyn's Assault on Stalinism and the October Revolution*. 1974. .

RINCÓN, M. L. *Rasputin: Conheça A História De Um Dos Personagens Mais Polêmicos Da Rússia*. 2017. Disponível em: <<https://www.megacurioso.com.br/personalidades/44817-rasputin-conheca-a-historia-de-um-dos-personagens-mais-polemicos-da-russia.htm>>. Acesso em: 30 jun. 2018.

ROBERTS, Geoffrey (Ed.). *INTRODUCTION: THE MEMOIRS OF GEORGY ZHUKOV*. In: ZHUKOV, Georgy. *Marshal of Victory: The Autobiography of General Georgy Zhukov*. Barnsley: Pen & Sword Books, 2013. p. 9-37.

RT. *Prominent Russians: Aleksandr Kerensky*. Russiapedia. 2018a. Disponível em: <<https://russiapedia.rt.com/prominent-russians/leaders/yury-andropov/>>. Acesso em: 10 jul. 2018

_____. *Prominent Russians: Yury Andropov*. Russiapedia. 2018b. Disponível em: <<https://russiapedia.rt.com/prominent-russians/leaders/yury-andropov/>>. Acesso em: 10 jul. 2018

O GLOBO. *Em abril de 1966 começa o reinado de Leonid Brejnev na União Soviética*. 2013. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/em-abril-de-1966-comeca-reinado-de-leonid-brejnev-na-uniao-sovietica-10035450>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

THOMPSON, William J. *Khrushchev — A Political Life*. Nova York: St. Martin's Press, 1995.

TIMOFEITCHEV, A. *A herança de Boris Iéltsin na memória*. 2017. Disponível em: <https://br.rbth.com/sociedade/2017/01/13/a-heranca-de-boris-ieltsin-na-memoria_680358>. Acesso em: 29 jun. 2018.

VOLKOGONOV, D.. *Trotsky: The Eternal Revolutionary*. Free Press/Simon & Schuster, 1996.